

A canção de Abel



O sol mal havia nascido e aquele canto ecoava por todo o campo. “Como alguém pode cantar todo alegriinho às 5:00 da manhã rodeado de balido irritante de ovelha?” – pensava Caim sobre seu irmão caçula, enquanto arrancava com raiva umas daninhas que insistiam em arruinar seu trabalho: “Também... muito fácil ficar passeando com ovelhinha, queria ver a pessoa vir aqui criar calo na mão com a enxada!”

E assim, dia a dia, Caim ia nutrindo uma inveja oculta contra seu irmão Abel, até que teve uma ideia brilhante. Foi ao campo e colheu o que havia de melhor! A carroça quase tombou de tantas frutas e legumes maravilhosos. As alfaces eram vistosas, as maçãs pareciam brilhar! Ah, e o cheiro? Dava pra sentir de longe aquela mistura deliciosa de aromas.

Oras, Abel achou a ideia genial. Correu, matou o seu melhor e mais novo carneirinho e foi também oferecer a Deus. Curiosamente, o texto bíblico não

diz apenas que Deus aceitou a oferta de Abel e rejeitou a de Caim, o texto diz categoricamente que Deus “aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta.”. Não se tratava da oferta em si, mas do coração do ofertante.

A aplicação desse texto não poderia ser mais clara: Deus rejeita a adoração daquele que nutre inveja e ódio contra seus irmãos! E não adianta fazer caras e bocas no louvor, o texto diz que foi o rosto de Caim que o denunciou - ele estava transtornado! Você pode tentar disfarçar essa malignidade com a melhor oferta do mundo, pode justificar do jeito que quiser, chamando o outro de tóxico e alegando cuidados com sua saúde emocional - o Eterno não aceita oferta de quem, em segredo, deseja a morte do irmão ou mesmo de seus sonhos.

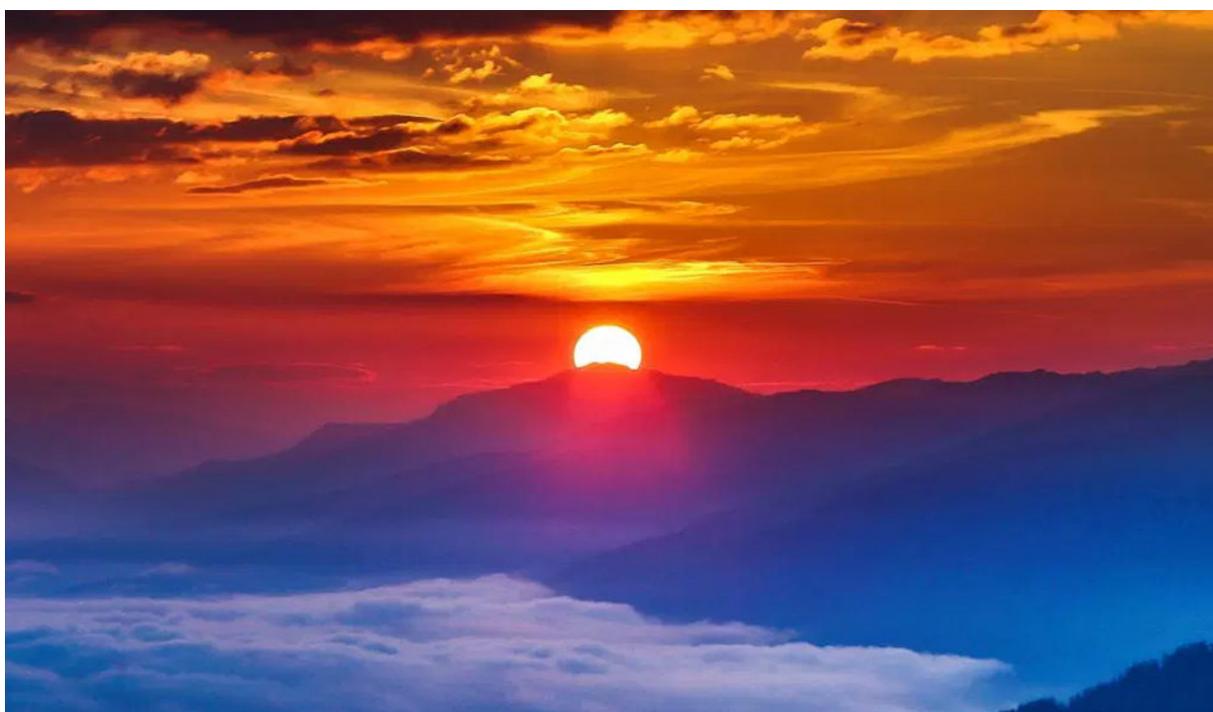
A oferta de Abel partiu de um coração íntegro, sua essência era pura, não havia maldade em seu coração. A Bíblia diz que o seu sacrifício foi tão superior que até hoje Abel ainda fala - a adoração de Abel ecoou pelo tempo e, pela fé, ainda podemos ouvir a sua canção da manhã.

Que a nossa adoração seja fruto de um coração puro, repleto de compaixão, perdão e amor, não apenas para que o Senhor receba como cheiro suave, mas também para que ela ecoe pelo tempo e as gerações futuras possam ouvi-la.

No amor do Pai,

Roger

A Deus o que é de Deus



Quando Deus nos deu o sol, Ele poderia até se limitar a dar um pontinho de luz que nos trouxesse igualmente os benefícios do crescimento de plantas, da evaporação para as chuvas e tudo mais, mas Ele foi além, fez do pôr do sol um show de luzes e cores. Da mesma forma, Ele poderia ter feito as flores todas de uma cor só, com o mesmo cheiro, e nós sequer saberíamos que isso tudo podia ser mais bonito. De igual modo, poderia ter feito todos os peixes iguais e da mesma cor. Mas em tudo isso, Deus não se limitou ao normal, ao comum, ao simplório.

Talvez, aqueles que o receberam, tenham herdado um pouco dessa essência e,

por isso, quando vão lhe devolver a honra e a glória tentem ser extravagantes. Entregar a Ele o resto do tempo, o que sobra da atenção, o que não se precisa mais, o ensaio normal, o culto regular, a oferta que não custa quase nada, é a essência do mesquinho, do medíocre, do avarento.

Talvez, e só talvez, a excelência seja uma obstinação para aqueles que veem nela a representação exata daquilo que é o nosso Deus. Talvez, ao olharem para a Sua entrega, dando o Seu melhor para morrer em nosso lugar, eles tenham entendido que Deus não entrega o bom, mas sempre o melhor. Talvez, e só talvez, eles tenham olhado para o presente da vida e tenham dito: esse presente poderia ser eterno, e Ele os ouviu.

Talvez, e só talvez, seja por isso que o diabo tenta a todo custo reivindicar para si a melhor luz, o melhor aplauso, o melhor som, o melhor espetáculo, o melhor palco, o melhor evento. Ele, o enganador, diz que tudo isso é dele, porque só ele é quem merece o melhor. Sua mentira e seu espírito invadem a mente de muitos que devolvem, então, para o Eterno, o pior, o resto, o feio, a nota qualquer, a desafinação, o descompasso, o “não ensaiei, mas é pra Gezuis”.

Você pode até continuar o seu discurso de entrega da manjedoura, mas talvez se espante quando Ele voltar, envolto em toda Sua majestade e glória. Você pode até adorá-lo como o Servo Sofredor, Ele sempre receberá sua adoração porque entende nossa ignorância, mas a um rei não se dá lembrancinha, se dá ouro, incenso e mirra.

“Não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que não me custem nada”
(II Sm. 24.24)

No amor do Pai,

Roger

Encha este lugar



Talvez você já tenha se deparado com algum post meu a respeito do Movimento Worship. Esse artigo é um esforço na tentativa de reunir os fragmentos do que tenho falado como um alerta à igreja quanto à mistificação do lugar da adoração, baseado no questionamento da samaritana ao Mestre, de onde seria este lugar, ao que o Senhor Jesus esclarece não se tratar de lugar físico, mas de relacionamento com o Eterno. Além disso, busco reafirmar o conceito teológico da habitação do Espírito Santo como morada e selo de nossa “aquisição” pelo Pai.

Para tal, faz-se necessário o esclarecimento de 2 pontos básicos:

1. Reconheço, naturalmente, que o clamor por uma visitação do Espírito Santo foi exaustivamente cantado por minha geração quando entoávamos “Vem, Espírito de Deus...” ou “Ó, vem, Jesus, e toma o Teu lugar”. O que acontece neste tempo é nada mais nada menos que a continuidade da apropriação de uma licença poética - e tudo bem quanto a isso.
2. Não há, portanto, qualquer condenação ou crítica às músicas que fazem o mesmo como “A casa é sua” ou “Quando Ele vem” - canções que naturalmente expressam o desejo de ter mais de Deus, além de sabermos que “a casa” somos nós.

O alvo de meu alerta é a mistificação, ainda que não intencional, do lugar da adoração à medida que temos feito um show de luzes e fumaça quando “o Espírito vem”. O ápice de nossos refrões tem sido acompanhado não apenas da explosão dos pratos de ataque da bateria, mas também de luz plena e muita fumaça. Oras, não há qualquer problema ou crítica quanto à forma de acentuarmos nossas apresentações com efeitos (minha igreja é exatamente assim). Mas há que ter um cuidado quanto ao esclarecimento teológico da morada do Espírito em nós.

Talvez, dentro do seu universo de conhecimento, costumes ou experiências, o conceito teológico de que o Espírito Santo habita em você seja muito bem resolvido. Mas não podemos nos fechar numa bolha e esquecer daqueles que nos visitam ou estão iniciando sua caminhada na fé. A esses, é quase que natural entender que esse show de luzes, efeitos e o pedido honesto de que Ele venha seja, de fato, ado-

ração. Como você deve saber, isso não é, é apenas música ou louvor ao nosso Deus. Faz-se necessário, portanto, um empenho de nossa parte no ensino teológico da diferenciação dos conceitos de visitação e habitação.

Como fazer isso dentro dos padrões de igreja urbana, em que temos apenas cerca de 2 horas de culto ao nosso Deus? Esse é um questionamento que nos propõe reflexão e contribuição. Meu desejo e expectativa é que cada vez mais nos empenhemos em construir uma adoração fundamentada na Palavra e com ensino teológico sistemático, a fim de que a maquiagem (luzes, projeção, fumaça) seja apenas um adicional representativo da beleza artística que carregamos em nosso dna artístico.

Finalmente, quando defendemos uma tese, é natural que cada ser humano, dada a multiplicidade de universos em que cada um está inserido, tenha sua interpretação pessoal daquilo que estamos nos propondo a defender. Por isso, me coloco à disposição para o diálogo, para o esclarecimento, para a troca de experiências com muita leveza, naturalidade e sem qualquer estresse, afinal, tudo o que fazemos é para que, através de nossos dons e talentos, a igreja do Senhor seja edificada pela multiforme graça de Deus.

No amor do Pai,

Roger

Ele não vem... Ele nunca vem!



É muito bacana ver as bandas evangélicas cada vez mais preparadas tecnicamente. Dá gosto ouvir uma apresentação com músicos que compreendem o todo da canção e não invadem o espaço musical de outro instrumento. Músicos que fazem apenas o que a música pede, sabe? Dá uma paz... (rs).

Porém, é triste ver ministérios de louvor tão preparados tecnicamente e tão teologicamente perdidos. Claro que estamos todos em constante aprendizado, mas a partir do momento que esse ministério tem a responsabilidade de abrir cultos e de pregar a Palavra de forma cantada, essa balança precisar ser equilibrada.

E um dos pontos que tem me trazido preocupação nos últimos anos é o crescimento constante de expressões como “Vem, Senhor!”, “Invade esse lugar!”,

“Apareça!”. Sei que parece apenas implicância linguística, mas esse não é o foco da minha preocupação. Até porque, a maioria dos crentes sabe que o Espírito Santo não vem mais visitar, Ele faz morada!

Meu foco é: estamos clamando cada vez mais por uma visitação restrita aos nossos ajuntamentos. Incluímos em nossas canções momentos apoteóticos para a chegada do Espírito Santo no culto. São progressões ao som de tambores com distorções leves de guitarra que sempre culminam com um arrebatamento de sentidos.

Não haveria problema algum com esse estilo de adoração, se todos tivéssemos um preparo teológico basilar. O problema é que na falta dele, estamos nos acostumando com a ideia de que o Espírito Santo vai para a igreja também, e ficamos ansiosos pelo momento em que Ele chega durante o louvor. É de arrepiar quando as luzes do palco acendem de forma plena e a bateria explode na condução!

Meu apelo a essa geração é apenas um: adorem do seu jeito, sejam contemporâneos, usem seus pads e suas luzes, mas não fomentem a ideia de que essa é a hora e o lugar em que Ele vem! Lembrem-se: Ele fez morada definitiva em vocês e se manifesta na mesma intensidade do worship, no seu quarto, a portas trancadas, na solitude, no silêncio, no meditar das Suas palavras.

O Eterno não vem ou vai, Ele simplesmente está. Ele simplesmente é. Em

você, em nós, em cada partícula desse Universo. E é por isso que, na falta de uma expressão melhor, o chamamos de “O Grande Eu Sou”.

No amor do Pai,

Roger

Não me incomode, eu já sei adorar!



Há um preconceito gigante sobre o ensino da adoração no Brasil. As pessoas ainda acreditam que podem aprender a adorar ao Senhor por osmose. Aqueles que estão chegando agora à fé veem os crentes chorando ou levantando as mãos durante um momento de louvor ao Senhor com música e entendem que isso é adoração. Definitivamente, isso não é adoração.

Qual o problema de se ensinar os fundamentos da adoração bíblica? Por que não dedicar-se ao aprendizado da forma bíblica de se prestar um culto ao Eterno? Que arrogância espiritual é esta que nos faz acreditar que sabemos absolutamente tudo a esse respeito.

O grande problema deste aprendizado empírico é que as pessoas são levadas a adorar por uma experiência sensorial, emotiva e de mistura de sensações. A verdadeira adoração parte do reconhecimento racional dos feitos da cruz. É a isso que o livro de Romanos se refere quando nos convida a prestar um culto racional ao Senhor.

É por isso que o mesmo livro ainda deixa claro que não há outra forma de apresentar-se a Deus, tampouco de experimentar Sua boa, agradável e perfeita vontade, a não ser por uma transformação radical em nós através da renovação de nossa mente.

Você pode até adorar a Deus com o seu coração e suas lágrimas, desde que a sua mente saiba exatamente o porquê de cada uma delas.

No amor do Pai,

Roger

E eu... sirvo pra quê?



Se há algo que literalmente grita em nossa fé é que a salvação é pela graça. Sim, é isso que nos diferencia de todas as outras religiões do mundo. Nada do que façamos pode fazer com que Deus nos ame mais, e nada do que fizemos fará com que Ele nos ame menos. Evidente que muitos usam desse princípio para pecar, mas a Bíblia, que é perfeita e mais que abrangente, já previu isso e fechou a questão: “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?”¹



Mesmo assim, como somos peritos em burlar leis e nos enganar com as coisas de Deus, acreditamos que tudo o que o Eterno espera de nós é um coração sincero. Mas como diria meu eterno professor de Escola Dominical, Francisco Júnior, nós podemos estar sinceramente errados. Parece até nobre e coerente dizer que eu não preciso ir à uma igreja para ser salvo. Aliás, quem pensa assim cerca-se de todos os argumentos humanamente possíveis para justificar seus posicionamentos: *“Ah, se for pra ser que nem Fulano, eu prefiro nem ir”*, *“Amigão, esses pastores de hoje só querem meu dízimo”*, *“Eu... ir pra igreja onde só tem gente hipócrita!? Prefiro ajudar os pobres”*. Sinceramente? Eu não discuto mais com gente assim, porque eu sei que no fundo, no fundo, eles sabem que estão a caminho do inferno. E o livro de Hebreus também já bateu o martelo: *“Não deixemos de reunir-nos como igreja”*²

Porém, entre os que se entregam a Deus de coração e os que preferem contentar-se com suas justificativas, está um grupo igualmente iludido: os que vão à igreja bater o ponto! Sim, falamos tão mal da religiosidade católica e fazemos igual ou pior. Vamos à igreja apenas no domingo, dedicamos duas horinhas de nossa semana cantando e ouvindo a Palavra, damos uma oferta generosa e saímos do culto com a nítida sensação de dever cumprido. Veja, eu entendo que cantar em um grupo de louvor em sua igreja faz parte da obra de Deus, mas entenda que a Bíblia diz que somos *“embaixadores de Cristo”*³, e não me

parece razoável que um embaixador tenha sido convocado apenas para fazer o que qualquer ave faz todos os dias de graça, “não têm vocês muito mais valor do que elas?”⁴, disse Jesus.

A verdade é que existem dois pilares da fé cristã que estão atrelados à salvação: adoração e serviço. Nenhum deles é obrigatório, nenhum deles nos salva, mas todos os salvos expressam sua gratidão de forma genuína através desses dois pilares! Quando o Diabo veio tentar Jesus e tocou a tecla da adoração, Jesus fez questão de lhe apresentar estes dois pilares juntos: “Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus **adorarás**, e só a ele **servirás**.”⁵

Infelizmente, muitos cristãos ainda acreditam que apenas alguns poucos “escolhidos e iluminados” receberam dons e têm obrigação de exercer um ministério. Acreditam que ministério é exclusivamente cantar e pregar. Eles não poderiam estar mais errados. A Bíblia diz: “**Cada um** exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas **múltiplas** formas.”⁶ A Bíblia não poderia ter sido mais explícita. TODOS receberam um dom por causa da MULTIFORME GRAÇA de Deus! E se você não está, literalmente, suando a camisa (sim, ministério também é feito de suor e lágrimas), pode haver algo de muito errado com a sua fé, e Jesus pode, hoje mesmo, ver as suas folhas e procurar os frutos debaixo delas. Cuidado, isso é muito sério!

Por isso, com muito temor diante do Senhor, deixo a você a exortação de Paulo a Arquipo, porém, peço que você substitua o nome de Arquipo pelo seu:

*Digam a _____,
“cuide em cumprir o ministério que você recebeu no*

Senhor” ⁷

No temor do Pai,

Roger

Referências: ¹ (Rm 6.1-2); ² (Hb. 10.25); ³ (2 Cor. 5.20); ⁴ (Mateus 6.26); ⁵ (Mateus 4.10); ⁶ (1 Pedro 4.10) e ⁷ (Colossenses 4.17)

Adorando ao deus desconhecido



Um dos textos mais fascinantes da Bíblia fala-nos da visita de Paulo à Atenas, onde o apóstolo discutiu com alguns filósofos a respeito das Boas Novas e da ressurreição de Cristo. A passagem é uma pérola para todos os que amam filosofia e religião, já que Paulo esbanjou graciosamente todo seu conhecimento histórico e filosófico, dando-lhes uma aula tão cativante que, ao final, alguns deles disseram: “Ei, outra hora queremos te ouvir de novo, hein?” (At. 17.32)

Contudo o propósito dessa reflexão não é filosófico, tampouco de história do cristianismo. Quero ser mais contemporâneo. Quero pensar aquilo que vejo e não compreendo na adoração congregacional. Vamos lá!



“Seo deo sei deivae sac[rum] - Consagrado a um deus ou deuses”

Embora Atenas fosse uma cidade repleta de ídolos, era o berço da filosofia ocidental. Terreno ideal para a discussão de ideias e propostas para uma fé mais coerente, espiritual e, por que não, mais intelectual? Mas quem estaria à altura para discutir com os filósofos de sua época? Evidentemente, um cara tão dedicado à intelectualidade e, ao mesmo tempo, com experiências tão espirituais como Paulo de Tarso. Durante sua visita, Paulo percebe que os caras tinham tantos ídolos que, na falta de mais um, inventaram um com o nome de “Deus Desconhecido”. O apóstolo faz, então, do limão uma deliciosa limonada e usa a situação de forma brilhante: “...andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio.” (At. 17.23)

Foi refletindo exatamente nesse fragmento da história que me questionei: como podem alguns cristãos que sequer frequentam um culto de ensinamento, ou quem dirá uma Escola Bíblica Dominical, intitular-se “adoradores”? Vejo nestas pessoas todos os traços dos tais filósofos com os quais Paulo debatia. - Dos epicureus, esses adoradores contemporâneos herdaram a busca através

dos sentidos do máximo possível de satisfação, afastando toda e qualquer forma de sofrimento, do tipo: “Estudar Bíblia para quê, se eu posso sentir o “mover” durante a adoração e me ver livre de todos os males?” Já dos estóicos, os adoradores do culto de domingo herdaram o doce desejo de aceitar a “vontade” de Deus: “Ah... se Deus quisesse que eu fosse estudioso da Palavra teria me feito pastor, e não adorador...”

Quais os desdobramentos dessa postura? Os que amam a adoração e rejeitam o estudo dedicado da Palavra mergulham em modismos tão superficiais que me fazem dizer como Paulo disse aos Gálatas: “Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho” (Gl. 1.6-7). Refiro-me a modismos tão grotescos que recuso-me a citá-los, mesmo porque, suas práticas são tentativas ridículas de, a exemplo de Moisés, manter reluzente o brilho do véu quando esse já se foi há muito tempo.

É verdade que muitos dos fãs dos fabricantes da “adoração extravaSante” dirão a meu respeito como disseram sobre Paulo, os epicureus e os estóicos: “O que está tentando dizer esse tagarela? Parece que ele está anunciando deuses estrangeiros” (At. 17.18). É, parece, mas não é.

Ei, será que vocês não percebem que tal como os atenienses vocês estão apenas em busca de novidades, quando, na verdade, a verdadeira adoração foi ensinada e pautada por Jesus em dois simples pilares: espírito e verdade? O que passar disso, é mentira extravagante.

Minha oração é que, na busca de uma adoração extra-bíblica, os garotos dessa geração não se percam. Que eles entendam que o ato profético mais contundente foi o de Jonas - e este, nos basta!

@rogerdaescola